

Crónica da Idade do nada

Por Guy Sahri ©

A arte atual, mídia ou não é abundante e híbrida, se tornar um artista permanentemente é uma aventura de risco social. Ferramentas para criação nunca tinham sido fornecidas para a maioria, mas as possibilidades para a difusão das mensagens artísticas estão ameaçadas por interferência e a proliferação dos meios de comunicação. O papel do artista como vanguardista, intelectual e social também é contestada. A educação artísticas e o despertar da sensibilidade fica dos países pobres das actuais políticas e uma contradição inerente « *Mercado-rentabilidade/Produção o espírito livre* » continua vivo flutuante, em todos os aspectos.

No entanto, alguns criadores parecem combinar criatividade singular, requisito para chegar a peculiar condição, talento e alguns medios reconhecimentos – obrigatória para o reconhecimento popular – em seu campo, incluindo a música, literatura, cinema e até mesmo os esportes conotação idílico. A arte, portanto, não apenas copiando natureza. No entanto, não distrair a partir dele, mas de volta à fonte.

Apaixonado pelo Judô e Karatê, fiel praticante e preparando seu 4º Dan, Luc Lang escritor francês, nascido em 1956 em Suresnes trabalhando em uma família, explora sua arte ao mesmo tempo que opera em uma sociedade global entre as duas trocas de vista bordo. Ele é atualmente professor e ensina a Estética na École Normale Supérieure des Beaux-Arts de Paris. Ele visitou vários países da Europa, África e Japão. Em 1995 ele foi vencedor na Villa Kujoyama. Ele publicou numerosos artigos sobre estética na arte contemporânea exposição colectiva internacional de livros e catálogos e cadernos de pesquisa.

Depois de vários livros famosos como « *Voyage sur la ligne d'horizon* » publicado pela Gallimard (1988), « *Liverpool marée haute* » Gallimard (1984), « *Furies* » Gallimard (1995), « *Mille six cents ventres* » Gallimard (1998 - Prix Goncourt des lycéens), « *Les invisibles. 12 récits sur l'art contemporain* » Regard (2002), « *11 septembre, mon amour* » Stock (2003), « *La fin des paysages* » Stock (2006), « *Les Indiens* » Stock (2001) e « *Cruels 13* » Stock (2008) define-se por citar: « *a tomar consciência, não há mudança, mudar para amadurecer, para amadurecer e estabelecer-se indefinidamente...* »

No entanto, apesar de que o artista contemporâneo por vezes assumem uma função social ou mesmo política para tentar influenciar o mundo, nós estamos vendo atualmente uma perda de parâmetros de referência para a autonomia e a sinceridade de alguns criadores. Mas, na minha humilde opinião, a criação do próprio, por si só, este teste contém contínuas mudanças que trouxeram formas perpetuamente do fundo de nós mesmos, o que exige criações imprevisível, e tem um nome: a « *Liberdade* ». A arte torna-se um prolongamento da ação. Esta filosofia de atuação, emerge quando o gesto artístico é a experiência de um relacionamento especial. O Karatê, assim como a arte é que ele não imitar ou reproduzir, mas para traduzir uma realidade meta-sensível. Nesse caso, pode surgir no campo espiritual da experiência comum como o fundador quis do Karatê moderno Gichin Funakoshi...

Guy Sahri: Como você chegou à idéia de Karatê?

Luc Lang:

É uma incrível história de família, meu pai foi um mestre de Judô e por isso fui banhado neste clima de Artes Marciais desde pequeno. De certa forma, é de família... (Risos)

« Ser extremamente actual... »

Guy Sahri: O cotidiano de uma Arte Marcial que lhe permite explorar energia para escrever obras literárias?

Luc Lang:

Absolutamente... porque ele é o mesmo tipo de concentração. Sendo muito presente. Ele argumentou, na decisão do gesto assim como na palavra « justo » um momento « justo ». Referindo-se ao que eu disse, a prática do Karate é como a prática do trabalho escrito da decisão, no momento ocorre algo...

Guy Sahri: Sendo um escritor e praticar Karatê que você faz mais aberto para os problemas deste mundo?

Luc Lang:

É difícil de dizer... não sei, mas em todos os casos, ela pode desenvolver uma energia de despertar. Eu sinto que quando eu escrevo eu estou muito mais em uma condição física, até mesmo cerebral. Mas quando eu praticava Karatê, isso significa que é o mesmo que escrever, o período de tensão. Da mesma forma que a escrita é um conjunto de gestos...

« É como um arco-íris... »

Guy Sahri: Você ensina a « estética » na Ecole Nationale Supérieure des Beaux-Arts de Paris, o que estás a aspectos-chave da arte?

Luc Lang:

A arte transforma a nossa visão do mundo. Arte não existe para fornecer respostas... arte existe para fazer perguntas e para tornar o mundo mais interessante, é como um arco-íris onde cada cor derrete na próxima cor, sem que podemos chamar limites precisos... A finalidade da arte não é arte em si, isso é vida como disse Robert Filliou...

Guy Sahri: Karatê acontece traz um certo equilíbrio na sua vida?

Luc Lang:

(Risos)... Ohhh sim! Lá estão as actividades fundamentais na minha vida como a minha família, escrever e praticar Karatê. Isso pode parecer estranho para alguns, mas quando chega o período de férias e quero fazer mais prática, sinto trêpego fisicamente e intelectualmente, não está mais no meu corpo. Isso é para dizer que me sinto deixará de fazer parte do meu ser. Karatê eu possa recentrar, dentro de mim mesmo para ser confrontado com esta dispersão de ser insustentável...

« O mistério da beleza do mundo... »

Guy Sahri: Navegando em todo o mundo descobrir diferentes culturas, qual é a sua visão da sociedade contemporâneo atual?

Luc Lang:

Quando estou em um país estrangeiro, vou tentar ser como no Karatê, que está a dizer isso... para ser o mais forte, em um estado emocional e sentimental de empatia com as pessoas que me seja bem-vindo. Embora exista uma globalização das questões e dos problemas de cada país e continente preserva a sua complexidade e sua própria especificidade cultural. É esta diversidade que é finalmente o mistério da beleza do mundo... e tanto melhor se através destas viagens eu sempre verificar o quanto nós somos diferentes. Graças a esta diferença e à diversidade exclusivas que temos coisas para fazer.

« Combater o « lado selvagem »... »

Guy Sahri: A prática do Karatê-lhe faz melhor evacuar os problemas em uma base diária?

Luc Lang:

Sem dúvida... a prática fora desta « selva » moderna, podemos lutar contra esse « lado selvagem » ou « animal », estas preocupações que nos motivam no treinamento. Karateka cada um sabe muito bem que, quando nos comboios que não podemos ficar onde estamos prática. Isso ajuda a desfazer o nó, stress e problemas na vida cotidiana. Quando termina de formação, não há mais no mesmo lugar em relação aos seus anseios e seria distanciar-se confrontados com situações diferentes e sair com uma óptico diferente.

Guy Sahri: É uma visão diferente?

Luc Lang:

(Risos)... Sim, um certo ponto de vista que nos coloca em um estado mental diferente do nosso cotidiano. Quando é que vamos atravessar a porta Dojo, somos obrigados a esquecer as nossas preocupações a considerar. Uma vez encerrado em formação, ele desabilita o encargo quando entram no Dojo...

« A realidade dos sinais... »

Guy Sahri: Seu número de visitas no Japão você tem uma melhor compreensão dos aspectos filosóficos do Karatê?

Luc Lang:

Certamente, há uma crença nos gestos, nas palavras, isto é, nos sinais. Significam nada gestos fazendo em todos os níveis da sociedade. Você tem notado que tanto me toda a vida no Japão é marcada por rituais, civilidade, cortesia, respeito, a complexidade enquanto faz um gesto que nos coloca, na realidade, sinais e intercâmbios sociais. De fato, o que une os seres humanos é um conjunto de códigos que são encontrados na prática da Arte martial e isso é muito fundamental em qualquer sociedade e na prática de Budô...

« O imanente pede arte e energia... »

Guy Sahri: Dando sua criação literária um profundo realismo literário da nossa sociedade não pode ele uma luta permanente?

Luc Lang:

Claro é uma luta permanente, mas o que me interessa não é tanto a luta contra fenômenos ou tendências que eu não possa controlar, como um cidadão, mas sim o de tentar novas formas da imaginação, abrindo linhas de pensamento que permitem que cada vez um vislumbre de novos horizontes. Posso dizer-vos que o imanente pede arte e energia que se abre para a experiência de que o potencial humano não podem ser reduzidas imediatamente consumível para processamento, ele ganhou a dimensão de criação. É por isso que eu quero bater-me como um escritor como Serge Chouraqui, o meu Sensei, brigas como um Karateka, através do seu ensino e pesquisa, com uma abordagem diferente, continuamente aberto a novas ideias... O que realmente me interessa é o de inventar um novo imaginário que se abre em outras áreas das relações humanas...

Guy Sahri: E Karatê, é um suporte para isso?

Luc Lang:

Sim, continua a ser essencial como eu disse antes... é que estar atentos a sensível!

« Ser perdida « fora »... »

Guy Sahri: Acha que na arte como na vida, tudo é uma história de contrastes. Qual a sua opinião sobre isto?

Luc Lang:

(Risos)... Eu acho que é o contraste, são diferenças. Isto é, todas as diferenças de espaço-tempo... Na verdade eu vejo muito o Karatê entre todos nós, que somos pessoas de diversos ambientes sociais. Reúne-se ali, uma prática que gera uma ligação muito forte porque somos treinados para respeitar certas regras de sobriedade, educação, atenção, elegância e em seguida, um alívio de confiança, porque quando estamos com os nossos parceiros estudo de treinamento, que é construída, ao longo do tempo, um trabalho que nos une. Apesar do fato de treinar neste universo extremamente dinâmico, durante anos, particularmente uma relação de abertura espiritual é criada. Karatê nos une em uma comunidade onde as diferenças enriquecem todo o Dojo. Para mim estou para as diferenças. Ah como eu amo! Esta antítese! É por isso que eu gostaria de estar « fora » se perdida « fora » dado que a partir deste, quero saber o que os outros e aquilo que eu sou... A complexidade da Arte, a Arte Marcial, do Karatê está buscando adequar a criação de uma obra singular que poderia despertar a atenção. O « qi » em chinês ou caracteres chineses, são unidades de escrever logographique chinês Hàñ 氣 / 气 (炁), pronunciado « tchi » ou « Ki » em japonês, 氣 o « sopro de energia » ou « kokyuryokyu » é um conceito esotérico que abrange todo o universo e seres ligações entre eles. Para entender melhor o que este conceito fontamentale simbólico e representa o conceito de « qi » não tem equivalente exacto no Ocidente. O « Ki » conecta seres, que também liga os dois rivais ou parceiros na prática de um amistoso. Pode-se notar, no entanto, muitas ligações de convergência com o conceito do grego « pneuma » – tradução de « respiração » – , e na mesma linha com o conceito de espírito, em latim « spiritus » – derivada de « spirare = soprando » – o que significa, suspiro, vento, o indiano conceito traz consigo o « prana ». O « Ki » está presente em todas as manifestações da natureza. É esta novidade, esta inovação, o que, na substância e na forma, é o motor da evolução... Aconteceu-me um dia para pedir uma pandit da Índia, em Madras no sul da Índia: « Qual é a energia da vida? O que é o « prana »?... Ele fez esta extraordinária resposta: «... Se você olhar as estrelas da noite: as constelações passam umas contra as outras, como uma coreografia inteligente. A força inteligente move as estrelas isso é o « prana ». E acrescentou: «... E você observou provavelmente que o seu coração bate, que você pensou ou não, e que mesmo batidas se adapta às suas necessidades, se você vai... A força inteligente o seu coração está batendo « prana ». E é a mesma « prana » o que torna o seu batimento cardíaco e que faz dançar as estrelas... ». Este embrulho contém a energia que temos de moldar, porque existimos só nos formulários. Esse é o nosso desafio, constantemente inventar formas de relações humanas que se alienam da nossa destruição e a de outras espécies...